

EXPORTAÇÃO/ Acessórios de moda e a indústria moveleira ganham espaço na pauta do comércio exterior. Hoje, as mulheres japonesas se encantam com as bolsas produzidas na cidade. E os móveis estão em grandes hotéis dos Emirados Árabes

Chegamos ao Japão

» SAMANTA SALLUM

É de uma fábrica no Núcleo Bandeirante, ponto histórico da capital federal, que saem as sofisticadas bolsas que estão encantando as japonesas. Elas pagam 400 euros, cerca de R\$ 1 mil, por uma peça. Apenas as mais atentas descobrem que são made in Brasília. Os acessórios não são mostra de artesanato, mas produto da indústria brasiliense que alcança o mercado internacional. As exportações candangas, até então limitadas aos frangos e grãos, agora ganham perfil de produto de luxo. E não são somente as bolsas que fazem sucesso lá fora. Os móveis produzidos no Distrito Federal decoram hotéis em Dubai (Emirados Árabes) e estão expostos em Las Vegas (EUA).

Bolsas e móveis assinados por profissionais de Brasília conquistam consumidores lá fora ao conseguirem aliar identidade local à exigência internacional de qualidade em escala industrial. Os produtos têm inspiração no cenário da capital. "No Brasil, há uma tendência à indústria da cópia. De ver o que está sendo feito lá fora e copiar. A originalidade e o alto padrão de qualidade explicam a boa recepção do nosso produto no mercado japonês", diz a estilista e proprietária da fábrica de bolsas e sapatos Confraria, Ana Paula Ávila e Silva. A empresa, com 55 funcionários, exporta até mil peças por mês para o Japão, além de atender o mercado interno.

O Japão passou a ser, em setembro, o segundo maior importador da produção do DF. Até então, nem sequer aparecia na lista dos 10 maiores destinos de exportação. O consumo dos japoneses por grãos e agora pelas bolsas estimulou o aumento dos negócios com a indústria brasiliense. A capital federal exportou para o país asiático no mês passado US\$ 10,5 milhões.

A German interiores, do setor moveleiro, tem uma unidade de negócio específica para cuidar das exportações. Forneceu móveis para Dubai, tem escritório em Atlanta e estande de exposição em Las Vegas, nos Estados Unidos. "O mercado é muito exigente e interessante. Tivemos de investir mais em design e, principalmente, em acabamento. Hoje, estamos presentes nas principais feiras do mundo", conta José Luiz Diaz Fernandes, dono da German. A empresa nasceu com a construção de Brasília, em 1960. Salas de jantar e mesas de centro são grandes atrações fora do Brasil. Todos móveis de luxo.

No caso da German, a empresa trabalha em parceria com pequenas redes americanas. Já as bolsas da Confraria são compradas por grandes empresas japonesas, como a Mitsubishi, que

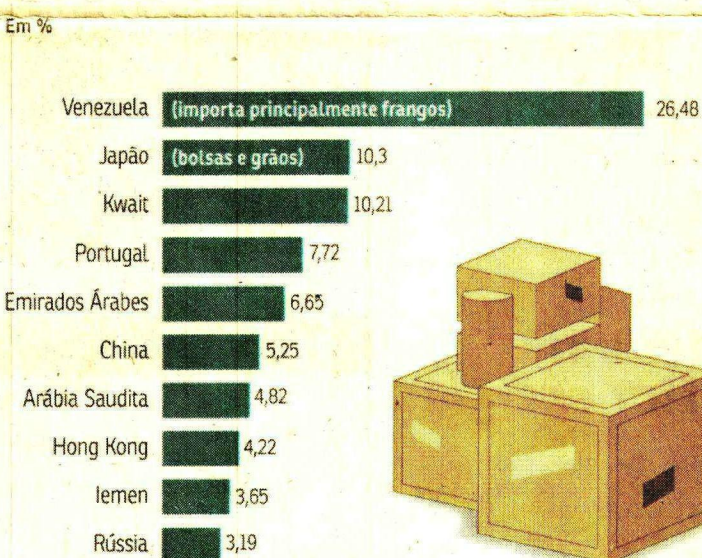
Brasília faz parte do projeto Brazilian Furniture (móvel brasileiro), que vem divulgando e vendendo a produção nacional para o exterior. As fábricas do DF estão conseguindo espaço num mercado que tem forte concorrência de São Paulo e de Santa Catarina.

Ronaldo de Oliveira/CB/D.A Press



Ana Paula, estilista e dona da Confraria, exhibe as bolsas produzidas em Brasília e que conquistaram as mulheres japonesas

Destino dos produtos do DF



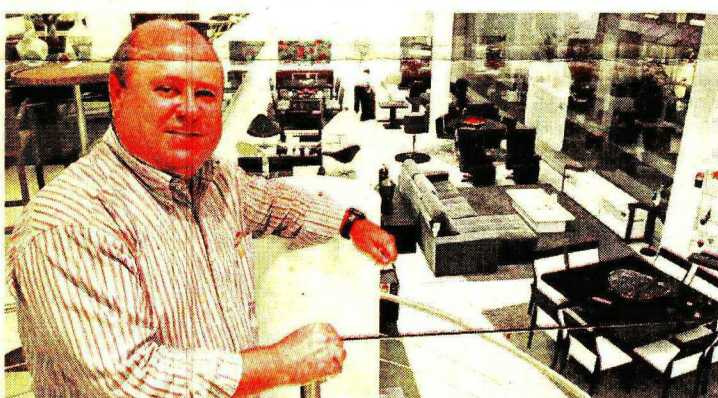
De 2004 para 2008 as exportações anuais do DF passaram de US\$ 12 milhões/ano para US\$ 165 milhões/ano. A expectativa para 2009 é de US\$ 149 milhões

Principais empresas

- Sadia S.A.
Responsável por 70% das exportações
- Multigrain
- Petrobras Distribuidora
(óleos e lubrificantes para aeronaves)

Editoria de Arte/CB/D. A Press

Personagem da notícia



Fibra espanhola

O pai espanhol era carpinteiro. Desembarcou, em 1957, no Porto de Santos, vindo da Espanha, e um ano depois estava em meio à construção da nova capital, no centro do país. Ajudou a instalar janelas e vidros nos prédios da Esplanada dos Ministérios. Em fevereiro de 1960, nascia a pequena fábrica de móveis, hoje conhecida como German. Atualmente, é a

maior empresa brasiliense exportadora do setor. O filho do carpinteiro, José Luiz Dias Fernandez, 47 anos, além de manter o legado do pai e ter ajudado a ampliá-lo, é o presidente da Associação Brasileira da Indústria de Móveis (Abimóvel). Os móveis German decoram hotéis em Dubai e são vendidos por um escritório em Atlanta, nos Estados Unidos.

têm no Japão uma linha de varejo em roupas e acessórios. "Eles são muito exigentes. Porque nossas peças quando chegam lá tornam-se produtos da marca deles. Os consumidores estão comprando a marca e, muitas vezes, nem imaginam que o produto veio do Brasil. O mercado internacional nos exige alta qualidade e capacidade de dar continuidade à produção para não interromper a linha e frustrar

seus clientes", explica Paulo Eduardo Ávila e Silva, proprietário da Confraria.

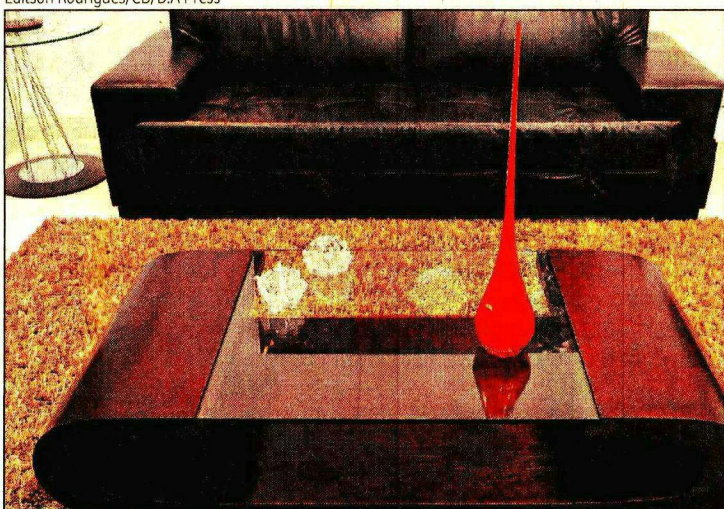
Outra empresa que alavanca as exportações do DF é a Portões Rossi. Como as demais, é uma indústria familiar, criada há 15 anos, que já exportou 30 mil equipamentos por mês. São automatizadores, motor e controle remoto para abrir e fechar portões. "Somos 100% Taguatinga", brinca Júnior Rossi, diretor da

empresa. Eles vendem para o México, Mercosul, Panamá e África. "Apostamos no crescimento do mercado internacional", diz ele. A Rossi também abastece diversos estados do Brasil. Todos revelam que a exportação mudou o conceito de produção para atender o padrão de exigência dos clientes de outros países. A Rossi tem 200 funcionários.

Até 2004, as exportações no cenário da indústria local eram

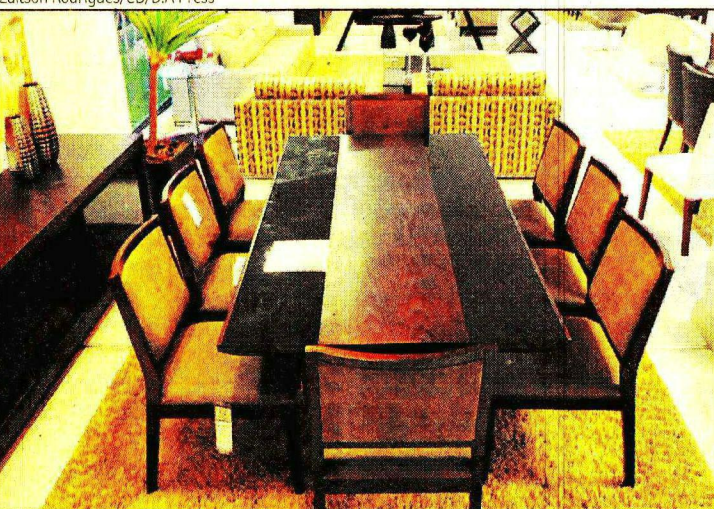
miudezas. Quase nada significativo. Mas, nos últimos anos, o cenário vem mudando. Passou de US\$ 12 milhões para US\$ 165 milhões o volume de exportações anuais em 2008. "Esse aumento atesta nossa competência em fornecer produtos de qualidade, coloca nossa produção em nível de competitividade", avalia o presidente da Federação das Indústrias do Distrito Federal (Fibra), Antônio Rocha.

Edilson Rodrigues/CB/D.A Press

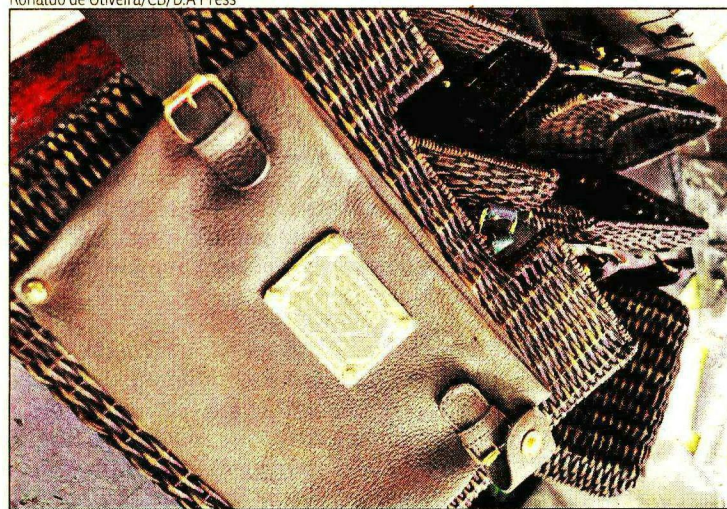


Móveis produzidos pela German, empresa pioneira do setor moveleiro candango, vendidos em Dubai e em exibição em Las Vegas (EIA)

Edilson Rodrigues/CB/D.A Press



Ronaldo de Oliveira/CB/D.A Press



A originalidade na mistura de couro e vime é o que mais agrada às japonesas